

PROPOSTA DE UM PANORAMA DE DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES DA LÍNGUA INGLESA E CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DE TAIS OBRAS

Diego dos Santos Lunkes^{*}

Félix Valentín Bugueño Miranda^{**}

RESUMO: *Dicionários são potenciais ferramentas para um aprendiz de inglês. Contudo, nem sempre o usuário sabe consultar e/ou escolher o material de que necessita. Em função disso, o objetivo deste trabalho é oferecer um panorama dos dicionários monolíngues da língua inglesa e auxiliar o usuário através de critérios básicos que podem ser adotados para a seleção de dicionários. Como metodologia, submetem-se dicionários monolíngues ao modelo de classificação lexicográfica proposto por Bugueño Miranda (2014) e se consideram tópicos relevantes na escolha de dicionários.*

PALAVRAS-CHAVE: *Classificação; panorama; taxonomia.*

ABSTRACT: *Dictionaries are potential tools for an English learner. However, the user does not always know how to consult and/or to choose the needed material. Based on this, the objective of this paper is to offer a panorama of the monolingual dictionaries of the English language and to help the user through basic criteria that can be adopted for the selection of dictionaries. The methodology used is the submission of monolingual dictionaries to the model of lexicographical classification proposed by Bugueño Miranda (2014) and the consideration of relevant topics in the choice of dictionaries.*

KEYWORDS: *Classification; panorama; taxonomy.*

^{*}Bolsista PIBIC/CNPq, graduando em Bacharelado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

^{**}Coordenador do Grupo de Pesquisas em Metalexigrafia e Lexicografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

No processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, estudantes necessitam de subsídios para solucionar as dificuldades com as quais eventualmente irão se deparar, tais como a pronúncia e a ortografia, conforme demonstram Prado-Oliveira e Schoenherr (2009, p. 2) e colocações, segundo, aponta Monteiro (2012, p. 8). Dicionários são potenciais ferramentas de consulta para um aprendiz de inglês. A lexicografia inglesa apresenta uma vasta gama de opções de dicionários projetados para auxiliar nas mais diversas tarefas e dificuldades. Apesar disso, nem sempre o usuário aprendiz tem conhecimento suficiente para saber escolher e/ou consultar uma obra lexicográfica que atenda às suas necessidades de forma satisfatória.

Considerando tudo isso, o objetivo deste trabalho é oferecer um panorama dos dicionários monolíngues da língua inglesa e instruir o usuário estudante de inglês como língua estrangeira (especificamente o aprendiz brasileiro) a respeito de alguns critérios básicos que podem ser adotados para a seleção de obras lexicográficas, segundo as suas necessidades. Como metodologia, submetem-se dicionários monolíngues ao modelo de classificação lexicográfica proposta por Bugueño Miranda (2014) e também são feitas considerações a respeito de alguns

tópicos relevantes na escolha de dicionários. Os resultados obtidos demonstram que a lexicografia inglesa dispõe de uma vasta gama de dicionários. No entanto, questiona-se se o usuário estaria apto a utilizar essas ferramentas.

SOBRE A LEXICOGRAFIA DE LÍNGUA INGLESA

Ao se evocar a lexicografia de língua inglesa, múltiplos e concomitantes nomes e associações vêm à tona. Por um lado, nomes como o de Samuel Johnson e Noah Webster; por outro, dicionários de aprendizes, lexicografia baseada em *corpus* e o *Oxford English Dictionary* (1983) (OED 1983). Dito em termos simples, pareceria que a lexicografia inglesa já fez tudo: no passado, preocupou-se com o purismo na língua, sendo este um assunto complexo¹. Hoje, preocupa-se em oferecer *the real language* ou *the language in use*, conceitos quase antitéticos com o purismo na língua, e se preocupa também, marcadamente, em oferecer subsídios linguísticos ao aprendiz de inglês como língua estrangeira².

Na verdade, não há uma contradição entre desenvolvimentos aparentemente tão divergentes, mas uma complementação e uma evolução que corresponde às tendências na percepção da linguagem, desde Idade Média. Surpreendentemente, Landau (2001, p. 43) salienta que a história

¹ Para um panorama sobre a norma ideal, cf. Zanatta (2010).

² Uma análise sobre alguns dicionários de aprendizes do inglês pode ser encontrada em Bugueño Miranda (2010).

da lexicografia inglesa consiste em uma ininterrupta trajetória de cópias bem sucedidas.

Em relação a esse fato, vale lembrar que os romanistas dos anos 60 costumavam classificar os colegas segundo eles possuísem *esprit de finesse* ou *esprit de géométrie*, fazendo alusão ao fato de haver, entre eles, aqueles que possuíam uma aguda sensibilidade para a linguagem [Sprachgefühl]³ e aqueles que aplicavam modelos formais para a análise da mesma. Sem dúvida alguma, a tradição de cópia apontada por Landau (2001) significou a reprodução de obras lexicográficas desenhadas segundo um *esprit de finesse*.

Contudo, a tradição lexicográfica inglesa não se legitima somente por esse fato. Há pelo menos dois outros fatores que determinam o excelente estado de desenvolvimento que atingiu. Em primeiro lugar, o legado de Samuel Johnson (*A Dictionary of the English Language*, 1755) não pode ser desprezado. Embora a tendência a compilar dicionários exaustivos não seja exclusiva de Johnson (1755), a sua preocupação com a correção no uso da língua, aliada a uma excelente descrição lexicográfica da língua, tornaram o dicionário uma obra de referência. Em segundo lugar, a obra de Noah Webster (*An American Dictionary of the English Language*, 1828) representa o reconhecimento da variação diatópica (inglês americano) como *factum ontologicum* da

³ Para uma discussão sobre esse conceito, cf. MLS (2010, s. v. *Sprachgefühl*).

linguagem e da língua inglesa em especial, quase um século antes que outras tradições lexicográficas, tais como a espanhola e a de língua portuguesa, reconhecessem essa mesma dimensão.

Como mencionado *ad supra*, deve-se à tradição lexicográfica inglesa (particularmente a britânica) a aparição de uma linhagem de obras lexicográficas conhecidas hoje como dicionários de aprendizes, designação, aliás, que é um decalque da expressão inglesa *learner's dictionary*. Retomando a distinção entre *esprit de finesse* e *esprit de géométrie*, a tradição dos dicionários de aprendizes nasceu exatamente a meio caminho entre a intuição e o empirismo, na medida em que a primeira obra de Harold Palmer, Michael West, A. S. Hornby, Edward Thorndike (*The New Method English Dictionary*, 1935) obedece ao empirismo de terem sido todos professores de inglês como língua estrangeira (o que se reflete, por exemplo, na necessidade de se contar com um vocabulário de definidores) unido à intuição de pensar soluções lexicográficas que ajudassem de maneira efetiva os aprendizes. O sucesso dessa obra significou o desenvolvimento da lexicografia de aprendizes, como já comentado (Cf. Jackson, 2002, p. 129 e ss.).

Finalmente, o *esprit de géométrie* se faz presente de forma integral a partir de Collins *Cobuild English Dictionary* (1987) (CCED (1987)), baseado totalmente nos pressupostos da linguística de corpus. Fontanelle (2008) e Atkin e Rundell (2008)

representam algumas das contribuições mais significativas na esteira de uma lexicografia baseada completamente em evidência empírica. Rundell (2012), no entanto, manifesta claramente as dificuldades de dar um marco teórico (e empírico, na verdade) na concepção e desenho de obras lexicográficas.

DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES

Para que o usuário possa fazer uso de dicionários monolíngues desenhados para falantes nativos, ele necessita possuir uma alta proficiência na língua em que foram redigidos (BUGUEÑO MIRANDA; SELISTRE, 2010, p. 758). Atendendo unicamente ao número de língua, segundo Atkins; Rundell (2008), os principais tipos de dicionários monolíngues são: para falantes nativos adultos, para aprendizes jovens e para aprendizes adultos.

DA CLASSIFICAÇÃO DE DICIONÁRIOS⁴

Algumas tentativas de classificação de dicionários já foram realizadas. A seguir, serão apresentados os modelos de classificação de Atkins; Rundell (2008) e do Bugueño Miranda (2014). Num segundo momento, será feita uma análise do modelo do Bugueño Miranda(2014) por ser este o modelo

⁴ Por razões de espaço, não é possível oferecer um panorama geral dos modelos de classificação de dicionários. Com anterioridade a Haenschet alii (1982), merecem especial interesse as propostas de Malkiel (1962) e Zgusta (1971). Após Haenschet alii (1982), a quantidade de propostas classificatórias aumentou consideravelmente (Hausmann (1985), Hartmann e James (2001) e Swanepoel (2003), por exemplo). É essencial frisar que a fundamentação teórica que sustente uma classificação tem um papel central no panorama lexicográfico que se elabore (cf. Bugueño Miranda 2013) para uma discussão sobre esse tópico).

utilizado para elaborar o panorama de dicionários de inglês neste trabalho.

Atkins; Rundell (2008)

Quando se almeja fazer uma classificação de dicionários, Atkins; Rundell (2008, p. 24) consideram imprescindível a diferenciação de alguns aspectos. São eles:

i) o idioma do dicionário, podendo ser monolíngue, bilíngue ou multilíngue; ii) a cobertura do dicionário, abrangendo a língua em geral, material enciclopédico e cultural, terminologia ou uma área específica da língua; iii) o tamanho do dicionário, classificado como edição padrão, edição concisa ou edição de bolso; iv) o meio do dicionário, disponível através da versão impressa, da versão eletrônica (DVD) ou disponível online; v) a organização do dicionário, que ocorre da palavra para o significado ou da palavra para o significado para a palavra; vi) os usuários da língua, divididos por grupos em que todos falam uma mesma língua, dois grupos específicos de falantes de uma língua, aprendizes mundiais da língua do dicionário; vii) as habilidades do usuário, sendo estes linguistas e outros profissionais da língua, adultos alfabetizados, estudantes colegiais, crianças e aprendizes da língua; e, finalmente, viii) a função do dicionário, servindo para a decodificação ou para a codificação.⁵

Bugueño Miranda (2014)

Segundo Bugueño Miranda (2014, p. 216-217), é possível estabelecer três tipos de classificação de dicionários: impressionista, que considera critérios externos ao próprio

⁵ [1. the dictionary's language: a. monolingual, b. bilingual, c. multilingual; 2. the dictionary's coverage: a. general language, b. encyclopedic and cultural material, c. terminology or sublanguages, d. specific areas of language; 3. the dictionary's size: a. standard edition, b. concise edition, c. pocket edition; 4. the dictionary's medium: a. print, b. electronic (e. g. DVD or handheld), c. web-based; 5. the dictionary's organization: a. word to meaning, b. word to meaning to word; 6. the user's language(s): a. a group of users who all speak the same language, b. two specific groups of language-speakers, c. learners worldwide of the dictionary's language; 7. the user's skills: a. linguists and other language professionals, b. literate adults, c. school students, d. young children, e. language learners; 8. what they use the dictionary for: a. decoding, b. encoding.]

dicionário (por exemplo, o tamanho); funcional, que diz respeito à função do dicionário (por exemplo, se o dicionário é destinado a falantes nativos ou não nativos) e linguística, que emprega critérios de imanência linguística (por exemplo, se o dicionário é monolíngue ou bilíngue).

Quanto à fundamentação teórica para a classificação de dicionários, Bugueño Miranda(2014, p. 219) distingue dois modelos. O primeiro é uma tipologia, o qual reúne elementos que possuem traços em comum. Desses traços, o mais eminente vai se destacar e passar a caracterizar um conjunto de dicionários. Assim, se um grupo de dicionários compartilha vários traços (ortográfico, fonético, etc.), um desses se sobressai e serve como caracterização para o grupo. O segundo modelo é uma taxonomia, o qual separa elementos de um grupo em subgrupos. Dessa forma, um grupo de dicionários que enfatiza a forma da palavra pode subdividir-se em grupos com ênfase na ortografia, na fonologia, etc. Cada dicionário elencado ao final das divisões corresponde a uma matriz de traços. Cada dicionário que cumprir com essa matriz de traços constitui um genótipo lexicográfico. Em outras palavras, um genótipo lexicográfico é o produto de todas as características elencadas ao longo das divisões. Caso, ao final das divisões, o dicionário não corresponda a nenhum genótipo lexicográfico, tem-se um fenótipo lexicográfico.

O modelo de classificação proposto por Bogueño Miranda (2014) é taxonômico e emprega critérios funcionais e linguísticos, já que toda obra lexicográfica é um instrumento de auxílio para a resolução de dúvidas linguísticas e está concebido para satisfazer as necessidades de grupos específicos de indivíduos (usuários). Destarte, uma classificação de dicionários deve estar ancorada em critérios linguísticos e funcionais (perfil do usuário). Na tentativa de elaborar uma classificação destinada a obras lexicográficas para falantes nativos, o autor estabelece três axiomas: o primeiro dita que é impossível que uma classificação abranja todas as classes de dicionários, uma vez que sempre haverá novos expoentes lexicográficos; o segundo afirma que uma taxonomia oferece vantagens em relação a uma tipologia, na medida em que possibilita estabelecer genótipos lexicográficos, o que permite melhor avaliar diferentes dicionários; o terceiro afirma que uma taxonomia deve-se valer do critério funcional e do critério linguístico.

A respeito dos critérios empregados na taxonomia, esses se dividem entre funcionais e linguísticos, conforme já mencionado. Nos critérios funcionais, existe a distinção entre o falante nativo e o não nativo⁶. Nos critérios linguísticos, distingue-se entre o número de línguas, ou seja, se o dicionário é monolíngue ou bilíngue. Outra dicotomia é a modalidade do discurso, na qual se

⁶ Sobre a distinção entre falantes nativos e não nativos, cf. Bogueño Miranda (2015).

distingue entre discurso livre quando inclui os elementos que compõem uma língua e as normas que a regem, e discurso repetido quando inclui expressões fixas no falar de uma comunidade. Ainda é possível estabelecer uma diferenciação entre a ênfase conferida ao significante, quando se prioriza a forma da palavra, e a ênfase conferida ao significado, quando se prioriza o conteúdo da palavra. Quanto à perspectiva da busca, esta pode ser semasiológica quando parte da palavra para o significado, ou onomasiológica, quando parte do significado para a palavra. Por fim, a representação de léxico é diassistemicamente inclusiva quando se considera o maior número de eixos possíveis em uma língua e diassistemicamente restritiva quando se considera um único eixo.

DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES PARA FALANTES NÃO NATIVOS

Além da taxonomia de Bugueño Miranda (2014) destinada a falantes nativos, existe a taxonomia proposta por Oliveira (2010) de dicionários monolíngues de inglês para falantes não nativos. O modelo considera também critérios funcionais e linguísticos. Sua classificação compõe-se dos seguintes critérios de divisão: ênfase no significante, quando se foca na forma da palavra, em oposição à ênfase no significado, quando se foca no conteúdo da palavra. Os dicionários que enfatizam o significado

subdividem-se em semasiológicos, servindo para a recepção linguística. Os onomasiológicos, por sua vez, servem para a produção linguística. Dentro da onomasiologia, são apresentadas três classes: dicionários de sinônimos, dicionários onomasiológicos propriamente ditos e dicionários pela imagem. No âmbito da semasiologia, encontram-se obras lexicográficas gerais, e obras especiais, estando inclusos, nas obras especiais, dicionários de caráter sintagmático e com viés técnico (ver diagrama em anexo).

PROPOSTA DE UM PANORÂMA DE DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES DA LÍNGUA INGLESA

Considerando que a lexicografia inglesa possui uma grande variedade de obras lexicográficas que, todavia, nem sempre são exploradas pelo usuário por falta de conhecimento a respeito da disponibilidade das mesmas, oferecer-se-á um panorama de algumas dessas obras. Numa tentativa de submeter dicionários monolíngues para falantes nativos à proposta taxionômica de Bugueño Miranda (2014), procurou-se por obras que atendessem às *fundamenta divisionis* estabelecidas. Conforme apontado por Bugueño Miranda (2014), *fundamenta divisionis* são um “padrão de classificação que possibilita sucessivas operações ‘descendentes’ para identificar entidades de

acordo com a sua pertinência ao padrão classificatório escolhido” (BUGUEÑO MIRANDA 2014, p. 219).

Para a seleção das obras que figuram no panorama, foram adotados os seguintes critérios: i) optou-se por editoras que dispusessem de uma vasta gama de dicionários. No entanto, nem sempre foi possível encontrar, nestas editoras, exemplos de dicionários que preenchessem as *fundamenta divisionis*; ii) buscou-se por obras que estivessem, na medida do possível, atualizadas. A seguir, apresenta-se um possível panorama de dicionários monolíngues da lexicografia inglesa.

No discurso repetido, existem dicionários fraseológicos, que apresentam o contexto em que se utilizam as palavras, como o *Oxford Dictionary of English Idioms* (2010); dicionários de colocações, que trazem combinações comuns de palavras em uma língua, como o *Macmillan Collocations Dictionary* (2010); e dicionários de regência, que mostram a relação sintática de dependência entre as palavras, como o *The BBI Combinatory Dictionary of English* (2010). No discurso livre, há dicionários com ênfase no significante e com ênfase no significado. A primeira categoria inclui dicionários ortográficos, exibindo a grafia correta das palavras, como o *New Oxford Spelling Dictionary* (2014); dicionários de pronúncia, que apresenta a transcrição fonética das palavras, como o *Cambridge Pronouncing Dictionary* (2011); dicionários de paronímia, distinguindo

palavras que possuem uma grafia semelhante e significados diferentes, como o *Dictionary of Confusable Words* (2000); dicionários de rima, que agrupam palavras entre as quais é possível produzir rimas, como o *Oxford Rhyming Dictionary* (2012); e dicionários de inverso, nos quais se faz a progressão alfabética pelo final da palavra, como o *Walker's Rhyming Dictionary* (1990). A segunda categoria subdivide-se em dicionários onomasiológicos propriamente ditos, que se ordenam do significado para a palavra, como o *Longman Language Activator*(2002)⁷; dicionários de sinônimos, que utilizam sinônimos para definir uma palavra, como o *The Oxford Dictionary of Synonyms and Antonyms* (2014); dicionários de ideias afins, que agrupam palavras que possuem certa relação semântica entre si, como o *Roget's Thesaurus* (2011); e dicionários pela imagem, que se valem de imagens para fornecer designações, como o *Oxford Picture Dictionary* (2008).

Em oposição aos dicionários onomasiológicos, estão os dicionários semasiológicos, divididos entre diassistemicamente inclusivos e diassistemicamente restritivos. Aqueles se subdividem em thesaurus, distintos pela exaustividade de suas informações, como o *Oxford English Dictionary* (2009); e dicionários gerais, que se diferenciam pela alfa exaustividade, ou seja, uma seleção segundo critérios que não são claros, como o

⁷ Para uma análise detalhada de *Longman Language Activator* (2002), ver Lunkes (2014).

The Compact Edition of the Oxford English Dictionary (2008). Estes se subdividem em dicionários escolares, projetados para estudantes da língua inglesa, como o *Cambridge School Dictionary* (2008); dicionários de estrangeirismos, que apresentam termos estrangeiros incorporados ao inglês, como o *Oxford Dictionary of Foreign Words and Phrases* (2010); dicionários de uso de norma real, nos quais figura o uso real da língua, como o *The Oxford Dictionary of American Usage and Style* (2000); dicionários de uso de norma ideal, no qual figura o uso ideal da língua (dicionários desse tipo não foram constatados na lexicografia inglesa durante as pesquisas realizadas para este trabalho) e dicionários dialetais, que se propõem a compilar somente a língua conforme utilizada em uma dada região, como o *Dictionary of American Regional English* (1985).

DA ESCOLHA DE OBRAS LEXICOGRAFICAS

Além de possuir um panorama de dicionários da língua inglesa, é importante ao usuário possuir um conhecimento básico de alguns critérios de seleção e aquisição de obras lexicográficas. O conhecimento destes critérios tem como propósito fornecer um subsídio mínimo para que o usuário selecione uma obra lexicográfica. Assim, foram escolhidos três tópicos que se julgou relevante para subsidiar a escolha de uma obra lexicográfica. São eles: a distinção entre termos como “edição”, “publicação”

“reedição” e “reimpressão”; a relação custo-benefício ao optar entre uma obra desatualizada e mais barata ou uma obra atualizada e mais cara; e as diferentes modalidades de acesso ao dicionário.

Edição, Publicação, Reedição e Reimpressão

O ano de publicação de uma obra lexicográfica é um fator relevante para sua aquisição. Ao selecioná-la, deve-se verificar a edição da obra. Na prática, quanto mais recente for a edição, mais atualizada poderá ser. Por isso, o usuário deve ponderar se compensa adquirir uma edição mais antiga e mais barata, mas desatualizada. Conhecer a terminologia comumente empregada para caracterizar uma obra, como edição, publicação, reedição e reimpressão, ajuda o usuário a diferenciar e selecionar as obras lexicográficas. A Norma Brasileira 6029 da Associação Brasileira de Normas Técnicas do ano de 2006 (*ABNT NBR 6029:2006*) possui como definição de:

3.13 edição: Todos os exemplares produzidos a partir de um original ou matriz. Pertencem à mesma edição de uma publicação todas as suas impressões, reimpressões, tiragens etc., produzidas diretamente ou por outros métodos, sem modificações, independentemente do período decorrido desde a primeira publicação.

3.46 publicação: Conjunto de páginas impressas com a finalidade de divulgar informação.

3.47 reedição: Edição diferente da anterior, seja por modificações feitas no conteúdo, na forma de apresentação do livro ou folheto (edição revista, ampliada, atualizada etc.) ou seja por mudança de

editor. Cada reedição recebe um número de ordem: 2ª edição, 3ª edição etc.

3.48 reimpressão: Nova impressão de um livro ou folheto, sem modificações no conteúdo ou na forma de apresentação (exceto correções de erros de composição ou impressão), não constituindo nova edição.

Preço

O preço é um fator relevante para a escolha de um dicionário, o que pode ser constatado pelo fato de alguns *sites* de livrarias possuírem uma ferramenta que permite filtrar as buscas obras lexicográficas pelo preço. Normalmente, o preço de uma obra lexicográfica está diretamente relacionado com a sua data de edição, isto é, quanto mais antiga for a obra, provavelmente, mais barata ela será por se tratar de uma edição desatualizada. Por isso, como dito anteriormente, o usuário deve levar em consideração tanto a data de publicação quanto seu preço ao escolhê-la. Esse fato pode ser confirmado através de uma rápida pesquisa em *sites* que reúnem os produtos das principais livrarias do Brasil. Nessa pesquisa, segundo o filtro de preços, o *Longman Language Activator*, por exemplo, pode ser adquirido por valores que variam de vinte a quatrocentos reais, segundos as edições novas e usadas⁸.

Disponibilidade Eletrônica

⁸Preço conforme pesquisas realizadas em fevereiro de 2015.

Além do suporte impresso de dicionários, existe o suporte na modalidade eletrônica, mais especificamente obras *online*. Para o usuário, esta pode ser uma alternativa de acesso a obras lexicográficas. Uma busca na internet por um termo como *online dictionary* conduz a endereços eletrônicos como *Merriam-Webster.com: Dictionary and Thesaurus*⁹, *Longman English Dictionary Online*¹⁰, *Collins English Dictionary*¹¹, entre outros. No entanto, em função de alguns *sites* não serem administrados por lexicógrafos, deve-se avaliar o nível de confiabilidade das informações fornecidas. Ooi (2010) propõe seis aspectos a serem considerados ao se utilizar uma obra lexicográfica *online*: i) sua atualização em relação a neologismos recentes e palavras mediadas por computador, ii) seu viés cultural inerente, iii) sua cobertura de duas variantes principais, iv) sua cobertura de outras variantes, v) a codificação de uma palavra de cinco sílabas, o que indica sua cobertura de palavras “difíceis” vi) sua tolerância com erros ortográficos. Para que tenha o mínimo de segurança nas informações oferecidas, o usuário pode aplicar os seis itens de Ooi (2010) ao consultar um dicionário *online*. No entanto, embora eficientes, na prática, os itens de Ooi (2010) ainda apresentam restrições. A respeito do item i), por exemplo, neologismos representam um problema pela incerteza de sua

⁹Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/>> Acesso em: 20/02/2015

¹⁰Disponível em: <<http://www.ldoceonline.com/>> Acesso em: 20/02/2015

¹¹Disponível em: <<http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english>> Acesso em: 20/02/2015

consolidação na língua. E uma vez consolidadas, as palavras não são mais consideradas neologismos. Durante o período de tempo entre o surgimento e a consolidação da palavra, o usuário fica privado de consultá-la. Assim, além da inclusão de neologismos, o item poderia ditar que as palavras poderiam ser identificadas como neologismos ou em desuso.

CONCLUSÃO

A proposta de um panorama de dicionários monolíngues de inglês representa uma tentativa de informar o aprendiz de inglês a respeito da disponibilidade de obras que se propõe a suprir algumas dificuldades encontradas no processo de aprendizagem. Os resultados demonstram que, dos dezenove genótipos lexicográficos presentes na taxonomia de Bugueño Miranda (2014), dezoito encontram-se presentes na lexicografia inglesa.

Para a seleção de dicionários, verificou-se que é possível se levar em consideração a diferenciação de termos como edição, publicação, reedição e reimpressão, o preço da obra em relação a sua edição, e a disponibilidade eletrônica dos dicionários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINS, B.T. Sue; RUNDELL, Michael. **The Oxford Guide to Practical Lexicography**. Oxford: OUP, 2008. 1184 p.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia. **Alfa**, v. 58, n.1., p. 215-231, 2014. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5378/4924>>. Acesso em: 01/02/2015.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix; REOLON JARDIM, Carolina. Os learner's dictionaries do inglês e os Lernwörterbücher do alemão: uma simples transposição de nomes?. **Contingentia**, v. 5, n.1, p. 41-67, maio, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/13319/7614>>. Acesso em: 01/02/2015.

BUGUEÑO MIRANDA; Félix; SELISTRE, Isabel Cristina Tedesco. Os diferentes tipos de dicionários e as tarefas de compreensão e produção de textos em língua inglesa. **Travessias**, v. 4, p.757-767, 2010. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_008/Linguagem%20PDFs/Isabel%20Selistre%20PRONTO.pdf>. Acesso em: 01/02/2015.

FONTANELLE, Thierry (ed.). **Practical lexicography**. Oxford: OUP, 2008. 405 p.

JACKSON, Howard. **Lexicography: An introduction**. London: Routledge, 2002. 200 p.

LANDAU, Sidney. **Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography**. Cambridge: CUP, 2001. 496 p.

LUNKES, Diego dos Santos. Longman Language Activator (2002) e Longman Essential Activator (2006) como ferramentas para a produção textual nas aulas de inglês como língua estrangeira. **Cippus**, v. 3, n.2, p. 93-108, maio, 2014. Disponível em:

<<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Cippus/article/view/1539/1200>>. Acesso em: 01/02/2015.

MLS. GLÜCK, Helmut (Hrsg.). **Metzler Lexicon Sprache**. Stuttgart: J. B. Metzler, 2010.

MONTEIRO, L. M. T. A importância das colocações no ensino de vocabulário. **Escrita**, v. 15, p. 114, 2012. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20851/20851.PDF>>. Acesso em: 18/02/2015.

OLIVEIRA, A. Taxonomia de dicionários monolíngues de inglês para falantes não nativos. **Signo**, v. 35, n. especial, p. 224-241, jul.-dez., 2010. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/1429/1307>>. Acesso em: 01/02/2015.

OOI, V. B. Y. English Internet lexicography and online dictionaries. **Lexicographica**, v. 26, p. 143-154, 2010.

PRADO-OLIVEIRA; SCHOENHERR, Otília Aparecida Tupan. Ensino da língua inglesa: pronúncia e ortografia na sala de aula. **Anais do Encontro de Iniciação Científica – ENIC**, v. 7, n. 1, p. 1-20, 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/Diego/Desktop/1967-4384-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10/02/2015.

RUNDELL, Michael. 'It works in practice but will it work in theory?' The uneasy relationship between lexicography and matters theoretical. In: VATVEDT FJELD, Ruth; TORJUSEN, Julie Matilde (ed.). Proceedings of the 15th EURALEX International Congress. Oslo: Department of Linguistics and Scandinavian Studies. Disponível em: <http://www.euralex.org/elx_proceedings/Euralex2012/pp47-92%20Rundell.pdf>. Acesso em: 01/02/2015.

ZANATTA, Flávia. **A normatividade e seu reflexo em dicionários semasiológicos de língua portuguesa**. 2010. 270 f. Tese (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25429/000751097.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 01/02/2015.

ANEXO

FONTE: Buguño Miranda (2014)

TRAMA

Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras
Campus de Marechal Cândido Rondon

Programa de Pós-Graduação em Letras Sociedade e Linguagem
Campus de Cascavel

